

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XVIII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1979

MARIA MANUELA ALVES DIAS

Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa

A PROPÓSITO DA INSCRIÇÃO B-143 DO MUSEU REGIONAL DE BEJA
Conimbriga, XVIII, 1979, p. 203-226

RESUMO: Existe no Museu Regional de Beja, e proveniente do Concelho, uma placa com uma inscrição funerária que tem também gravada a representação de um cavalo. Conhecem-se representações de cavalos, associados a textos funerários, nas inscrições vadinienses que pertencem a uma geografia bem delimitada e da qual esta de Beja se encontra muito afastada. Até hoje, os AA. que estudaram a 'heroização equestre' têm apenas referido esta inscrição como sendo um dos poucos vestígios desse rito, no sul da Hispânia. Neste artigo, a A. procura explicar a presença, aparentemente insólita, deste achado na Lusitânia meridional através de análise comparada do único elemento onomástico que a inscrição contém, e também da sua caracterização sócio-epocal, com o fim de evidenciar como é historicamente admissível o aparecimento em Beja desta epígrafe que claramente corrobora movimentos migratórios de povos do norte; e tenta ainda enunciar a caracterização ambiental da integração desses movimentos, para o que recorre à articulação de dados onomásticos e arqueológicos disponíveis.

SUMMARY: A tombstone found near Pax Iulia (Lusitania) shows an engraved running horse over a very short inscription. This is so far a unique piece, as the horse, common on the tombstones of the people called Vadinienses (northern Spain) is never present on the funerary monuments of southern Lusitania. The author suggests this piece might indicate that there was a migration of some Vadinienses to the region around Pax Iulia, where they may have been engaged in economic, namely mining activities. Archaeological finds and onomastic evidence are carefully examined in order to support this argument.

(Página deixada propositadamente em branco)

A PROPÓSITO DA INSCRIÇÃO B-143 DO MUSEU REGIONAL DE BEJA

Existe no Museu Regional da Rainha Dona Leonor, em Beja, uma inscrição funerária de redacção muito simples e que apresenta imediatamente sob o texto a figuração gravada dum cavalo em corrida.

Se o texto e os caracteres epigráficos são 'formalmente* vulgares na região, a figuração do cavalo fará aproximar esta inscrição das do Noroeste e Norte da Península Ibérica, nomeadamente das da região de León, as quais apresentam, por sua vez, características epigráficas e textuais bem definidas (^x).

Dada a conhecer por Abel Viana e Eugénio Jalhay em 1944 (²), esta inscrição não passou despercebida a Fernand Benoit que a menciona no ano seguinte (³); em 1959, José M.^a Blázquez (⁴) refere-a, de novo, partindo da informação de F. Benoit.

(*) CARMEN GARCÍA MERINO, *Nuevo epígrafe vadiniense procedente de Garande (León) y el problema de los Vadinienses como grupo de población hispano-romano*, «Boletín del Seminario de Arte y Arqueología de la Universidad de Valladolid», XXXVIII, Valladolid 1972, p. 499-511.

(²) ABEL VIANA e EUGÉNIO JALHAY, *Lápide romana com figura zoomórfica*, «Arquivo de Beja», I, Beja 1944, p. 41-42; ABEL VIANA, *Museu Regional de Beja Secção Lapidar*, «Arquivo de Beja», II, Beja 1945, p. 122-123.

(³) FERNAND BENOIT, *UHéroisation Equestre*, Aix-en-Provence 1954, p. 78.

(⁴) JOSÉ MARIA BLÁZQUEZ, *Caballo y ultratumba en la Península hispánica* «Ampurias», XXI, Barcelona 1959, p. 281 a 302 e JOSÉ MARÍA BLÁZQUEZ, *Vhéroisation équestre dans la Péninsule Ibérique*, «Celticum», VI, Rennes 1963, p. 405-423, part. p. 418 (= JOSÉ MARIA BLÁZQUEZ, *Imagen y Mito. Estudios sobre Religiones Mediterránicas e Ibéricas*, Madrid 1977, p. 261-277 e 278-289, respectivamente).

A inscrição B-143 do Museu de Beja entrou, assim, no âmbito dos estudos de religião antiga e tem servido para mostrar até onde, a caminho do sul, o rito da 'heroização equestre' se disseminou na Península Ibérica. No entanto, atendo-nos à representação zoomórfica do equídeo, devemos notar que no norte, até ao vale do Douro, e na região cantábrica, existe uma reconhecida quase contiguidade geográfica dos diversos achados e que esta inscrição de Beja se encontra, como que isolada, claramente distanciada das suas afins do norte.

Procurar pistas de explicação deste achado (geograficamente tão a sul), buscando-as nos elementos que a própria inscrição fornece (e correlacionando-a não só com as suas congéneres mas também com os aspectos mais conhecidos da 'celtização/celtiberrização onomástica', eis o intento destas notas.

A lápide foi encontrada no Campo Experimental dos serviços da Campanha de Produção Agrícola, no sítio de Vale do Vinagre, freguesia de Baleizão, concelho e distrito de Beja, em 1939 ⁽⁵⁾.

Trata-se duma pequena placa, irregularmente rectangular, de mármore branco de grão muito fino, com 22,5 cm de largura e 18,5 cm de altura, e com 3 cm de espessura máxima. Talvez seja material reutilizado. Altura média das letras, 3 cm; comprimento do cavalo 10 cm.

A face epigrafada é bordeada, do lado esquerdo, no sentido da altura, por um relevo de moldura simples de curva e contra-curva muito atenuadas. Na face não epigrafada nota-se ao seu lado esquerdo, no sentido da altura, um chanfro e, no sentido da largura, na fractura do bordo inferior, corre um sulco, de perfil rectangular, em quase toda a sua extensão.

É este o texto da inscrição:

*D(is) M(anibus) s(acrum) / Lupus / an(norum) XXX / h(ic)
s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*

Este texto está centrado a meio da largura da placa e parece admissível supor um alinhamento seguindo um eixo mediano, isto a julgar pela colocação do primeiro ponto de separação da 2.^a

⁽⁵⁾ A. VIANA e E. JALHAY, *Lápide romana...*, p. 41.

e 3.^a linhas, e que na 1.^a linha teria como ponto de referência e guia a junção das hastes centrais do M. A fórmula final, H S I I S T T L, encontra-se também centrada a partir desse eixo.

Os pontos de separação aparecem com três formas diferentes. Na 1.^a linha, na fórmula *Dis Manibus sacrum*, as duas primeiras iniciais são separadas por uma *hedera* muito estilizada; o 2.^o e o 3.^o pontos são dois pequenos triângulos equiláteros gravados. Na 2.^a e 3.^a linhas, os pontos são pequenos orifícios redondos vasados; o 1.^o ponto da 2.^a linha (talvez por razões de *ordinatio*) cinde na primeira sílaba o nome *Lupus*. A 4.^a linha não apresenta qualquer ponto de separação.

Como característica epigráfica, note-se que as letras L, A e E, apresentam paleograficamente formas pouco ‘convencionais’ mas, no entanto, frequentes na região.

L — A haste horizontal parte do meio da haste vertical e obliqua para a direita. No ponto de encontro entre a haste vertical e a horizontal nota-se que aquela se afasta do seu traçado perpendicular e desce em curva para a esquerda, dando ao L quase a forma dum Y invertido. Esta forma de L aparece duas vezes na inscrição na 2.^a e 4.^a linhas; não se pode pensar pois que se trata dum acidente de gravação, devendo antes admitir-se que estamos diante duma forma gráfica muito aproximada da prática cursiva. Jean Mallon, referindo-se às formas do L nas escritas sobre papiro, em uso até ao século n d. C. (6), diz que a haste horizontal do L «a tendance à obliquer en descendant vers la droite». Formas similares encontram-se com alguma frequência nas *cupae* do Convento Pacense e também ocorrem noutras inscrições da Hispania (7). Em C7L, II, 2668, uma inscrição procedente de León, que é uma inscrição muito cuidada e onde as linhas

(6) JEAN MALLON, *Paléographie Romaine*, Scripturae, III, Madrid 1952, p. 27.

(7) Cf., g., *CIL*, II, 2668, 2687, 5089 (estas de *Legio*), 2719, 3170, 3327, 3777, 5090; *CIL*, II, *Supp.* 5762, 5800, 5860 e 5992.

de «guidance» ainda são visíveis, em todos os traçados da letra L, a haste vertical, depois do ponto de encontro com a haste horizontal, acaba por terminar bastante acima do limite marcado pela linha de «guidance» inferior a qual, no entanto, é claramente tocada pela haste horizontal obliquada na sua descida.

A — Esta forma — sem barra horizontal — é bastante vulgar nas inscrições da Hispania ⁽⁸⁾. Também aparece com alguma frequência nos *alfabetos* das *cupae* do Convento Pacense; ocorre igualmente no texto duma ara encontrada em Beja e, hoje, guardada no Museu da Rainha Dona Leonor ⁽⁹⁾.

E — Sob a forma de II, segundo J. Mallon, é comum nas escritas cursivas de Pompeia e aparece sobre todos os tipos de suporte, mantendo-se o seu uso até a uma época tardia ⁽¹⁰⁾. Na Hispania há vários exemplos ⁽ⁿ⁾. Ocorre nas *cupae* pacenses tal como as formas de L e A que referimos. Em C/L, II, 5830, uma inscrição de Pompaelo, temos esta forma de E precisamente na fórmula funerária final, como na nossa inscrição, H S I I f . . .] .

A associação destas formas de L e E encontra-se nomeadamente em C7L, II, 3346, 3689, 3690, 5762. A associação destas formas de A e E encontra-se nomeadamente em CIL, II, 2061, 2182 e 5736. A associação destas três formas de L, A e E, ocorre somente, tanto quanto pude averiguar, nesta inscrição de Beja. Em CIL, II, 5736, onde se associam as referidas formas de A e E,

⁽⁸⁾ Cf. ç. g., CIL, II, 20, 1838, 1942, 1963, 1964, 2061, 2094, 2182, 2668, 2693, 2696, 2698, 2717, 3245, 3275, 3276, 5037, 5038, 5040, 5050, 5072, 5073, 5094; CIL, II, Supp., 5135, 5136, 5155, 5360, 5377, 5390, 5411, 5417, 5430, 5736, 5740, 5741, 5744, 5756, 5757, 5909 e 6278.

⁽⁹⁾ A. VIANA, *Museu Bejense*..., p. 234, n.º 63 (B-152).

⁽¹⁰⁾ J. MALLON, *Paléographie*..., p. 71.

⁽ⁿ⁾ Cf., v. g., CIL, II, 414, 421, 422, 426, 455, 562, 601, 644, 764, 934, 939, 952, 966, 1112, 1276, 1300, 1304, 1385, 2061, 2140, 2182, 2215, 2467, 3223, 3258, 3294, 3298, 3345, 3346, 3686, 3688, 3689, 4562, 5028, 5036; CIL, II, Supp., 5172, 5201, 5222, 5238, 5317, 5334, 5561, 5562, 5729, 5736, 5747, 5762, 5830, 5797 e 5916. Ver também. A. VIANA, *Museu Bejense*..., p. 120-121, n.º 50 (B-138) onde esta forma do E se associa com a forma do A não barreado.

temos um dado de cronologia; com efeito, havendo nela a referência aos cônsules Postúmio e Victorino, é-lhe atribuível a datação de 265 d. G. Esta datação não exclui evidentemente a possibilidade de 'vida*' destas formas antes ou depois dela; é apenas um indicativo de referência. Devemos no entanto notar que esta inscrição, C7L, II, 5736, é proveniente de San Miguel de Cofiño, na zona abrangida pelas inscrições dos Vadinienses que, como se sabe, incluem frequentemente figuras de equídeos nas de teor funerário.

Quanto à figuração do cavalo da inscrição B-143, devemos notar que não terá sido vã a preocupação de A. Viana e E. Jalhay, em 1944 ⁽¹²⁾, quando procuraram caracterizar-lhe o tipo de andamento, decidindo-se os autores pelo galope. Os cavalos representados nas esteiras funerárias vadinienses são figurados, quase todos, em movimento; há no entanto representações de cavalos parados ⁽¹³⁾; cavalos a trote, por vezes montados, e cavalos a galope constituem a maioria das figurações. O movimento dos cavalos, o facto de serem representados montados, ou não, a sua colocação em relação ao texto, poderão vir a ser preciosos indicativos iconográficos do *processus* sócio-religioso da 'heroização*.

Pelo desenho, o cavalo da inscrição B-143 aproxima-se sobretudo dos cavalos das estelas de *Aliomus* e de *Elanio* e do da esteira de Garande, León ⁽¹⁴⁾. O cavalo da inscrição B-143 tem uma gravação menos profunda que a das letras do texto, contudo, pelo traço, quanto a nós, evidencia a mesma 'mão'. O cavalo, que está virado para a esquerda, apresenta o traçado das pernas dianteiras atravessando o peito; esta 'transparência*' ajuda-nos a perceber as fases do processo da composição do desenho do cavalo. A crina e a cauda 'ondulantes' levam à sugestão do movimento da figuração; dois pequenos sulcos no pescoço do cavalo podem ser entendidos

⁽¹²⁾ A. VIANA e E. JALHAY, *Lápide romana...*, p. 42.

⁽¹³⁾ Cf., v. g., FRANCISCO DIEGO SANTOS, *Epigrafia Romana de Asturias*, Oviedo, 1959. p. 118-119. n.º 41, estela de *Peregrius*, no Museo Arqueológico Provincial de Oviedo, e *CIL*, II, *Supp.*, 5713, estela de *Cancilus*, no Museo Provincial de San Marcos, León.

⁽¹⁴⁾ Cf., o. g., *CIL*, II, *Supp.*, 5705, estela de *Aliomus*, no Museo Provincial de San Marcos, León, *CIL*, II, *Supp.*, 5715, estela de *Elanio*, também, no Museo Provincial de San Marcos, León e a estela de Carande ref. no art. de C. GARCÍA MERINO, *Nuevo epígrafe vadiniense...*, p. 499-511.

ou como a representação da parte terminal da crina caída sobre o lado esquerdo do pescoço, ou como a marcação, 'desastrada* e repetida, da saliência óssea e muscular da omoplata esquerda do cavalo, ou, ainda, como um elemento de arreio, neste caso, a correia de preensão do peitoral.

Como dissemos, a estrutura do texto é muito simples. Depois da fórmula *D M £*, que permite datar aproximadamente esta inscrição ⁽¹⁵⁾, segue-se o nome e a idade do falecido, rematando logo com a fórmula *H S E S T T L*, sem mais nenhuma referência, o que também é vulgar nas *cupae* e cipos funerários da região ⁽¹⁶⁾ mas que não deve ser tomado como uma característica formal de redacção simplificada dos textos epigráficos funerários desta região, antes deve ser entendido como uma característica epocal e da natureza dos factores religiosos difundidos numa vasta parte do tecido social poderosamente influenciado, nesta zona, pela estrutura económica dominante dos *latifundia*. A. Viana e E. Jalhay atribuíram ao defunto o nome de *Lu(cius) Rus(ticus)* ⁽¹⁷⁾. O ponto de separação entre as duas sílabas do nome *Lupus* e, também, um pequeno 'desastre* do lapicida na gravação do *p* levaram os autores a esta errada leitura, apesar deles próprios estranharem a 'in correcção* das formas das abreviaturas de *Lucius* e *Rusticus* que mesmo assim desenvolveram, criando um 'indivíduo* de *praenomen* e *cognomen* que já correu muita bibliografia ⁽¹⁸⁾. Sublinhe-se que a presença dum *punctum distinguens* (ou mais) separando duas sílabas numa mesma palavra não é uma raridade na epigrafia latina da Hispania ⁽¹⁹⁾.

⁽¹⁵⁾ SCARLAT LAMBRINO. *Les cuites indigenes en Espagne sous Trajan et Hadrien*, in *Les Empereurs romains d'Espagne*, Paris 1965, p. 223-239, part, p. 234-236 e tb. discuss, p. 241-242;

⁽¹⁶⁾ Cf., o. g. *CIL*, II, 64 e *CIL*, II, *Supp.*, 5188. A. VIANA, *Museu Regional...*, p. 114-115, n.º 44 (B-121) e p. 234-235, n.º 63 (B-152).

⁽¹⁷⁾ A. VIANA e E. JALHAY, *Lápide romana...*, p. 41-42.

⁽¹⁸⁾ Gf., o. g., JULIO MANGAS MAN JARRES, *Esclavos y Libertos en la España Romana*, Salamanca 1971, p. 166 e JOSÉ MARÍA BLÁZQUEZ, *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, Madrid 1975, p. 105.

⁽¹⁹⁾ O *CIL*, II, dá vários exemplos como o da inscrição *CIL*, II, 2061, / -LVCIV-S- I -IVLIVS/LII- / VLSA-N-NORV / OC-TOGIN-TA- / / •XXXXXXX, proveniente dos arredores de Málaga, esta inscrição associa

O estudo do elemento onomástico *Lupus* na sua distribuição geográfica, no seu uso por indivíduos que se caracterizam social e economicamente desta ou daquela maneira, e a extensão da análise à 'família' onomástica de *Lupus* (*Lupa*, *Lupiana*, *Lupula*, *Lupercus*, *Lupianus*...) ⁽²⁰⁾ suscita fáceis objecções de método, uma vez que qualquer estudo estruturado sobre os *cognomina*, visando um delineamento historiográfico, ou uma simples valoração historiográfica, terá de ser, exaustiva e rigorosamente, documentado pela inconsistência da relação cognome/razão, argumento, e porque a 'fixação e transmissão' de elementos onomásticos de significado económico e social revela-se nos gentilícios e não nos cognomes, e ainda porque no estado actual do estudo da onomástica pessoal latina provincial não se podem reconhecer os *sistemas subterrâneos de moda* do uso de determinado cognome; se a *moda* de um cognome, numa geografia delimitada, tem balisas cronológicas mais ou menos definidas, tem uma caracterização social relativamente clara, pode até justificar-se por um episódio histórico significativo, os *sistemas subterrâneos de moda* do uso desse cognome não podem por enquanto ser ainda validamente entendidos. Se se trabalhar com grandes áreas geográficas tem que se contar com as alterações de significado duma mesma unidade lexical (o cognome dado) através do tempo e, claro, das particularidades locais, ainda que essas alterações de significado possam não ter subido à literatura 'oficial' do império. Por outro lado, o levantamento exaustivo e rigoroso do material onomástico das inscrições da Hispania é, neste momento, ainda bastante difícil de * SI

à divisão das sílabas as formas de A e E já referidas; diz a respeito disto JOAQUÍN MARÍA DE NAVASCUÉS, *La estela funerária de Cármenes*, «Archivo Español de Arqueología», 43, Madrid 1970, p. 175-194, part. p. 183, «En el letrero se usan interpunciones, si bien mejor sería decir que se abusa de ellas, como en otros muchos epígrafes. Los puntos no se ponen en el letrero de Cármenes sólo entre palabras, sino entre sílabas, y aun hasta entre letras y sílabas o grupos de letras»; uma outra inscrição, geograficamente mais próxima da nossa, proveniente de Évora, *CIL*, II, *Supp.*, 5190, apresenta a mesma particularidade: *D-M-S / L-CAE-SIVS-CAE-SI-Anus j A*LX-CAE-SI A VERNACLA I LI-BER-TA-F-C• / H-S-ES-T-L*.

⁽²⁰⁾ Cf. ALBERT J. CARNOY, *Le Latin d'Espagne d'après les inscriptions*, Bruxelles 1906, p. 115.

fazer pela natureza das publicações portuguesas e espanholas que nem *UAnnée Épigraphique* nem a *Hispania Antiqua Epigraphica* foram capazes de contrariar.

Apesar do que acima ficou dito, a secura informativa do texto da inscrição B-143 implica que se tente a análise da distribuição dum cognome.

Iiro Kajanto ⁽²¹⁾ quando trata do cognome *Lupus*, indicando a frequência com que aparece no C7L, apresenta *Lupus/Lupa* sem nenhuma indicação de um significado diferente entre a forma feminina e a forma masculina e ascendendo-as, com um mesmo e único significado, à onomástica latina republicana (*Lupus* é, v. g., um *cognomen* frequente entre a *gens Rutilia* no período republicano e no Império também). Vem isto a propósito do significado de *lupa* = prostituta que Aurélio Victor tão firmamente acentuou, AURELIUS VICTOR, *Origo Gentis Romanae*, 21,1: *lupa id est meretrix*, significado já conhecido em Plauto e Cícero e a que Tito Livio deu relevo especial quando tratou da lenda da fundação de Roma, Liv. 1, 4, 7⁽²²⁾.

Na Lusitânia, é em Mérida que o cognome *Lupus* aparece com mais frequência nos textos epigráficos onde se associa a gentílios romanos e a nomes indígenas.

Num notável monumento funerário ⁽²³⁾ encontrado nesta cidade, há uma inscrição, sob um busto feminino, que refere ter sido *Valerius Lupus* quem levantou a sua mulher *Valeria Maxumina* esta memória; o busto foi datado, por A. García y Bellido, da 2.^a metade do séc. n d. C. em diante; a adjectivação com que *Valerius Lupus* honorifica sua mulher também pode ser colocada nessa cronologia mas o tipo de letra poderá levar-nos para uma datação posterior ao séc. n d.C., ainda que a forma morfológica *Maxumina* seja uma forma arcaizante, ou mesmo arcaica; todos estes elementos onomásticos são claramente latinos e o mesmo acontece em Vives,

⁽²¹⁾ IIRO KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki 1965, p. 85, 100 e 327.

⁽²²⁾ Cf. também, v. g., JÉRÔME CARCOPINO, *La Louve du Capitole*, Paris 1925, p. 72.

⁽²³⁾ ANTÓNIO GARCÍA Y BELLIDO, *Esculturas Romanas de España y Portugal*, Madrid 1949, p. 298 e lám. 240.

3666 f²⁴), que menciona um *L. Iulius C. f. Gal. Lupus* filho de *Valeria C. f. Aunia* a quem J. Mallon e T. Marin atribuem, como familiares, *Iulia Lupa* e *Sextus Iulius Lupus*, também da tribo *Galeria* (25); o cognome *Aunia*, embora ausente em I. Kajanto, é comum um pouco por todo o Império (26) e na escassa dúzia de exemplos que deste nome temos na Hispânia devemos frisar que dois são Clunienses. Numa inscrição, *Fontibus sacrum*, também proveniente de Mérida, uma *Iulia Lupa* é a dedicante (27). Entre aqueles que claramente denunciam a sua origem 'indígena*', e que associam a nomes indígenas o cognome *Lupus*, temos *Coutius Lupus*, natural de *Aeminium*, numa inscrição mitraica (28); há também outro Aeminiense, falecido em Mérida (29), *Lupus Lupi f.*, irmão de *Q. Lupus Rufinus* que é quem lhe dedica a inscrição funerária; tal como *Coutius Lupus*, também *Lupus Albini f. Taporus* (30) denuncia claramente uma origem 'indígena*'; esta mesma origem 'indígena*' pode ser suspeitada em *Q. Lupus Rufinus* e no irmão, até pelo *mau uso* que fazem do cognome *Lupus* que, pelo que vemos, na sua família se transmitia como se fosse um gentílico (e pelo que foi assim comum aos dois irmãos). Na capital da Lusitânia, os que usam o nome *Lupus* têm uma ligação, mais próxima ou mais afastada a áreas indígenas da população, só *Valerius Lupus* e sua mulher *Valeria Maxumina* parecem (pelo menos na sua geração) escapar a esta conotação. Quanto a *Iulia Lupa* o seu caso é para reflectir porque se o seu nome é tipicamente latino, o facto de cultuar as fontes (culto que, com o das Ninfas e outros a divindades aquáticas, se cantona particularmente, na

(21) JOSÉ VIVES, *Inscripciones latinas de la España romana*, Barcelona 1971, p. 358.

(25) JEAN MALLON Y TOMÁS MARÍN, *Las inscripciones publicadas por el Marqués de Monsalud, 1897-1908. Estudio crítico*, Scripturae, II, Madrid 1951, p. 43-44.

(26) Cf. MARÍA LOURDES ALBERTOS, *La onomástica personal primitiva de Hispânia tarraconense y hética*, Salamanca 1966, p. 45.

(27) *CIL*, II, 466.

(28) J. MALLON Y TOMÁS MARÍN, *Las inscripciones publicadas...*, p. 105; ANTÓNIO GARCÍA Y BELLIDO, *Les religions orientales dans l'Espagne romaine*, Leiden 1967, p. 28 (cronol. post. 155 d. C.).

(29) «Hisp. Ant. Epigraphica», n.º 1838.

(30) *CIL*, II, *Supp.*, 7520.

Hispania, na zona húmida do Noroeste ⁽³¹⁾ pode evidenciar um alongamento a sul do culto ou da cultuante, no primeiro caso urna contaminação ideológico-religiosa, no segundo caso um movimento populacional de que ela é um vestígio. Quanto a *Valeria C. f. Aunia*, mãe de *L. Iulius C. f. Gal. Lupus*, o seu cognome pode trazer à sua família um certo 'cariz' de indigenato.

Em *Norba*, um tal *Tancinus Lupus* cultuou uma divindade indígena, *Bandiae Apolosego* (?)⁽³²⁾; na inscrição Vives, 4339, também de Gáceres, de novo o nome *Lupus* se associa, ainda que indirectamente aos nomes *Tancinus* e *Tongeta* em Yecla, na sepultura de *Caenia Lupi f. Elai...*⁽³³⁾, temos também a associação de *Lupus* com um elemento da onomástica pessoal pré-latina ⁽³⁴⁾; em San Vicente de Alcántara, *Lupus* associa-se a *Albonius* no nome, *Lupus Alboni f.* dedicante a *Iovi Taurum* ⁽³⁵⁾; em Talavera la Reyna, foi encontrada uma memória de *Marius Lupercus*, falecido com 33 anos, e feita por seu irmão *Marius Castrensis* ⁽³⁶⁾.

Na Egitânia, onde a densidade de nomes indígenas é grande, temos numa mesma inscrição os nomes de *Clemens Lupus* e *Lupus Clemens* que serão seguramente da mesma família ⁽³⁷⁾; em *Scallabis*, temos o nosso cognome no nome dum Olisiponense, *M. Antonius M. f. Gal. Lupus* ⁽³⁸⁾. No sul da Lusitânia, em Mértola, temos um *Quintus Iulius Lupus* que morreu com três anos e seis meses, filho de *Filumena* ⁽³⁹⁾; também em Mértola, numa *cupa* aparece a inscrição funerária de *Iulia Lupiana*, mandada fazer por seu marido *Liburnicus Victor* ⁽⁴⁰⁾; em Lagos, numa inseri -

⁽³¹⁾ Cf. JOSÉ MARÍA BLÁZQUEZ, *Religiones primitivas de Hispania*, I, Madrid 1962, p. 167-203 e map. 6.

⁽³²⁾ *CIL* II, 740.

⁽³³⁾ *CIL*, II, 5034.

⁽³⁴⁾ Gf. MANUEL PALOMAR LAPESA, *La onomástica personal pré-latina de la antigua Lusitania*, Salamanca 1957, p. 55.

⁽³⁵⁾ «Hisp. Ant. Epigraphica», n.º 1854.

⁽³⁶⁾ «Hisp. Ant. Epigraphica», n.º 1798.

⁽³⁷⁾ D. FERNANDO DE ALMEIDA, *Egitânia. Historia e arqueologia*, Lisboa 1956, p. 183-184.

⁽³⁸⁾ *CIL*, II, 329.

⁽³⁹⁾ *CIL*, II, 19.

⁽⁴⁰⁾ Luís FERNANDO DELGADO ALVES, *Aspectos da arqueologia em Myrtilis (Mértola)*, «Arquivo de Beja», XIII, Beja 1956, p. 65.

ção do séc. ui d. C., aparece-nos, isoladamente o cognome *Lupa* ⁽⁴¹⁾.

Na Bética, em Riotinto, temos *C. Helvius Lupus*, natural de Mérida, filho de *Helvia Secundilla*, dado como da época de Augusto ⁽⁴²⁾; em Jerez de los Caballeros temos a *Iulia Lupa* (que conjuntamente com *Sextus Iulius Lupus*, foi proposta, por J. Mallon e T. Marín, como parente de *L. Iulius C. f. Gal. Lupus*) ^(43 *) associada com um *Pompeius* ^(M); perto da actual Peñafior, temos um *Q. Fulvius Q. f. Lupus* que era filho de *Calpurnia L. f. Sabina* ⁽⁴⁵⁾; como vemos aqui o elemento onomástico *Lupus* aparece sempre associado a gentílios romanos, e o mesmo acontece por toda a província senatorial: *Q. Servilius Q. f. Maecia Lupus* ⁽⁴⁶⁾. *Q. Memmius Lupus* que ofereceu a Urso uma exedra ⁽⁴⁷⁾, *L. Pedanius Lupus* ⁽⁴⁸⁾, *C. Pomponius Lupus*, irmão do *Ilvir Q. Pomponius Quir. Manilio* ⁽⁴⁹⁾ e *L. Livius Lupus* que deu uma insígnia em prata e dedicou uma inscrição ao Génio do município de *Laminium* ⁽⁵⁰⁾.

Na Bética, o cognome *Lupus* divulga-se, como as inscrições deixam ver, entre a população 'romana*' e entre elites de alto nível social e económico (*CIL*, II, 2150 e 3228, 5449).

Vejam agora o que se passa na Tarraconense. Temos o achado submarino junto do Cabo Paos duma âncora marcada com o nome de *Lucius Valerius Lupus*, hoje no Museu de Cartagena ⁽⁵¹⁾. Temos em Saitabi a lápide funerária dum *Lupus* ⁽⁵²⁾,

⁽⁴¹⁾ JUSTINO MENDES DE ALMEIDA e FERNANDO BANDEIRA FERREIRA, *Varia Epigraphica*, «Revista de Guimarães», LXXVI, Guimarães 1966, p. 339-340.

⁽⁴²⁾ ANTÓNIO BLANCO FREIJEIRO, *Antigüedades de Iliolinto*, «Zephyrus», XIII, Salamanca, 1962, p. 42.

⁽⁴³⁾ Cf. nol. 25.

H *CIL*, II, 1007.

^(43B) *CIL*, II, 2330.

H *CIL*, II, 1349(Acinipo).

⁽⁴⁷⁾ *CIL*, II, *Supp.*, 5449.

⁽⁴⁸⁾ *CIL*, II, *Supp.*, 5490 (Murgi).

H *CIL*, II, 2150.

⁽⁵⁰⁾ *CIL*, II, 3228.

⁽⁵¹⁾ ANTÓNIO BELTRÁN MARTÍNEZ y JUAN J. JÁUREGUI GIL DELGADO, *Acercas de unas anelas romanas del Museo de Cartagena*, «Cuadernos de Arqueología del Sudeste Español», II, Cartagena 1947, p. 339.

⁽⁵²⁾ *CIL*, II, 3638.

em Almenara um *C. Valerius Lupus* ⁽⁵³⁾ e perto de Sagunto um *Q. Fabius Lupus* ⁽⁵⁴⁾. Em Tarraco o cognome *Lupus* foi usado por elementos ligados ao exército, por sacerdotes do Culto Imperial e por delegados do Poder Central; *Valeria Lupa*, mulher dum *frumentarius* da *Legio VII Gemina* ⁽⁵⁵⁾, *T. Publienus Lupus* que era um dos dois *commentarienses* da *Legio VII Gemina* quando, em 202-205 d. C., *Q. Hedius Lollianus* ⁽⁵⁶⁾ foi *legatus legionis* ⁽⁵⁷⁾, *C. Apuleius Lupus*, complutense, amigo do *Ilvir* e *flamen* *C. Aemilius C. f. Pal. Sempronionius Clemens Silvanianus* ⁽⁵⁸⁾, *M. Calpurnius Lupus*, natural do Convento Caesaraugustano, que foi *flamen Provinciae Hispaniae Citerioris* e *prefectus cohortis* ⁽⁵⁹⁾, *Postumius Lupercus* que entre 288 e 289 foi *praeses Provinciae Hispaniae Citerioris* ⁽⁶⁰⁾, há outros indivíduos com este cognome em *CIL*, II, 4362 e 6089. Em Barcino, o panorama é diferente. O cognome *Lupus*, e outras formas associáveis, foram divulgadas entre baixos estratos sociais, sem que estejam, no entanto, expressamente, ligados aos escravos: *Clodia Lupa*, que viveu na 1.^a metade do séc. m d. C., *contubernalis* de *Tarquetius Agato* ⁽⁶¹⁾, *Livia Lupula* ⁽⁶²⁾ e *P(ublius) Lupianus* ⁽⁶³⁾ *). Em Celsa, temos uma lápide, em forma de templo, que teria tido aplicações ornamentais em bronze, e onde se lê o nome de *L. Aemilius Lupus* ^(M). Em Clunia, *C. Trebius*

⁽⁵³⁾ *CIL*, II, *Supp.*, 6060.

⁽⁵⁴⁾ *CIL*, II, 4047.

⁽⁵⁵⁾ *CIL*, II, 4150.

⁽⁵⁶⁾ GÉZA ALFÖLDY, *Fasti Hispanienses*, Wiesbaden 1969, p. 94-95.

⁽⁵⁷⁾ *CIL*, II, 4121.

⁽⁵⁸⁾ PEDRO BATLLE HUGUET, *Inscripciones inéditas romanas de Tarragona*, «Ampurias», V, Barcelona 1953, p. 81, considera esta inscrição do séc. m d.C. que ROBERT ÉTIENNE, *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris 1958, p. 211, coloca entre as não datáveis.

⁽⁵⁹⁾ *CIL*, II, 4203. GÉZA ALFÖLDY, *Flamines Provinciae Hispaniae Citerioris*, Madrid 1973, p. 67, atribui-lhe uma cronologia entre 120 e 180 d.C.

⁽⁶⁰⁾ *CIL*, II, 4104.

⁽⁶¹⁾ SEBASTIÁN MARINER BIGORRA, *Inscripciones romanas de Barcelona*, Barcelona 1973, p. 136-137 (cronologia séc. m d.C. seg. JOAQUÍN M. DE NAVASCUÉS).

⁽⁶²⁾ *Idem. ibidem*, p. 159-160. Inscrição numa *cupa* (das do Upo de Barcelona) com *açcia* gravada.

⁽⁶³⁾ *Idem, ibidem*, p. 156.

H *CIL*, II, *Supp.*, 5851.

Lupus faz com seu irmão, *Trebius Quietus*, o monumento funerário de sua mãe *Terentia Quieta* ⁽⁶⁵⁾; a *Lupia, ancilla*, é a sua patroa quem lhe faz o monumento funerário ⁽⁶⁶⁾. Em Segisamo, *G. Valerius Lupus* é referido numa inscrição datada de 239 ⁽⁶⁷⁾, e há outra, também junto a Burgos, que refere *C. Calpurnius Lupus* ⁽⁶⁸⁾, da mesma região temos *Lupus Agathopus* que com sua irmã *Eumaerina* levanta uma inscrição a *C. Vai. Pa(...) fil. Paternioni* ⁽⁶⁹⁾; em Asturica temos um *Lupianus Aug. dispensator* ⁽⁷⁰⁾; entre os Cántabros temos uma *Lupa Leonati* ⁽⁷¹⁾; na Coruña encontramos o célebre arquitecto Aeminiense, *C. Sevius Lupus* que teria construído o farol ⁽⁷²⁾; ainda na Coruña, uma *Placidia Lupa* levanta uma inscrição a seu marido *Iulius Severianus*, morto no vale do Minho ⁽⁷³⁾; note-se que está associada a esta inscrição a representação de um cavalo, aparentemente sustentado por uma figura humana que tem ao lado uma estrela — esta cena foi interpretada por J. M.^a Blázquez⁽⁷⁴⁾ como a figuração da associação de *Helios* com a 'heroização equestre'⁽⁷⁵⁾.

⁽⁶⁶⁾ *CIL*, II, 2805.

⁽⁶⁶⁾ *CIL*, II, 2793.

⁽⁶⁷⁾ *CIL*, II, *Supp.*, 5812. Cf. ÁLVARO D'ORS, *Epigrafía jurídica de la España romana*, Madrid 1953, p. 395-397.

H *CIL*, II, 2910.

H *CIL*, II, 2864.

⁽⁷⁰⁾ *CIL*, II, 2644 e 2645.

⁽⁷¹⁾ J. GONZÁLEZ ECHEGARAY, *Los Cántabros*, Madrid 1966, p. 316.

⁽⁷²⁾ *CIL*, II, 2559; ANTÓNIO GARCÍA Y BELLIDO, *Nombres de artistas en la España romana*, «Archivo Español de Arqueología, XXVIII, Madrid 1955, p. 14-15; SIEGFRIED HUTTER, *Der Bomische Leuchtturm von La Coruña*, MB 3, Mainz 1973, p. 12 e Taf. 4. Repare-se que na epigrafia de *Aeminium*, até hoje conhecida, não encontramos este cognome *Lupus* e vamos encontrá-lo no nome de dois Aeminienses migrados, um em Mérida, outro na Coruña.

⁽⁷³⁾ JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS, *Beligiões da Lusitânia*, III, Lisboa 1913, p. 452-454.

⁽⁷⁴⁾ JOSÉ M. BLÁZQUEZ, *Vheroisation...*, p. 421-422.

⁽⁷⁵⁾ J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Beligiões...* p. 451-452, explica com argúcia que a cabeça nimbada do monumento de Sá é um complemento 'apoteótico' da 'heioização' tal como a 'estrela' do monumento de Ciudadela (*Placidia Lupa*), o que foi mal entendido por J. M. Blázquez que segurando-se em F. CU MO NT (em *Lux Perpetua*) propõe uma associação *Helios* — 'heroização equestre' *uma vez que o carro do Sol é também tirado por cavalos...*

Sobre o elemento onomástico *Lupus*, para além do que atrás foi referido, convém ainda acentuar que:

1. °, na maioria dos casos acompanha, directa ou indirectamente, gentílios romanos e, entre estes, o gentílico *Valerius* parece ser o mais constante, um pouco por toda a parte, com excepção da Bética;
2. °, na Lusitânia aparece sobretudo ligado a nomes indígenas junto da 'via da prata', em zonas fortemente romanizadas, como as de *Emerita* e *Norba* ⁽⁷⁶⁾;
3. °, no conjunto das inscrições datadas que o referem, nota-se uma certa predominância do período cronológico que vai de meados do séc. n d. C. ao fim do séc. m d. C.; das inscrições que não possuem nenhum dado cronológico expresse, a redacção da maior parte delas parece aconselhar, sobretudo pelo léxico e sintaxe, que se lhes atribua uma cronologia também contemporânea ou posterior à 2.º metade do séc. n d. C. ⁽⁷⁷⁾.

Devemos ainda notar que o cognome *Lupus* ⁽⁷⁸⁾, na Bética, é usado com bastante frequência entre indivíduos proeminentes na sociedade, portadores de gentílios prestigiados, como *Pedanius*, *Fulvius*, *Memmius*, entre população que usa os *tria nomina* e desfruta duma 'boa situação'; estes 'nobres locais' valorizavam socialmente o cognome que usavam e que por isso poderia ser muito bem adoptado pelas camadas menos favorecidas, até como único nome; indivíduos que trazem no seu nome o elemento onomástico *Lupus* (*Lupianus* e *Lupia*?) e que são claramente referidos

⁽⁷⁶⁾ v. g., *Coutius* e *Tancinus*.

⁽⁷⁷⁾ Temos a inscrição cristã de *Lupa*, *infans*, em Tarraco, datável do fim do séc. iv-séc. v, cf. JOSÉ VIVES, *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, 2.ª ed., Barcelona, 1969, p. 64, n.º 200, como o exemplo mais tardio; inversamente, quase podemos considerar como 'precoce', se aceitarmos a proposta de BLANCO, a inscrição bética do Emeritense *C. Helvius Lupus*.

⁽⁷⁸⁾ Recorde-se que o cognome *Lupus*, segundo I. KAJANTO, *op. cit.*, p. 85, sendo um cognome ligado à fauna, exprimiria «ferocidade», agressividade animal.

como escravos apenas temos o que é referido em C7L, II, 2644 e 2645 e talvez a de C7L, II, 2793 ⁽⁷⁹⁾; é no entanto de admitir que algumas pessoas portadoras do onomástico *Lupus* tivessem também uma tal situação jurídica; demais a mais, a situação jurídica do referido escravo *Lupianus* não era entendida socialmente com a carga pejorativa que habitualmente se atribuía a um escravo dado que, neste caso, se trata dum elemento da *familia Caesaris*.

O *Lupus* de Beja pode, de facto, 'esconder*' alguém com estatuto jurídico de escravo ou, também, alguém que se possa incluir entre aqueles que R. Cagnat chamou *petites gens*; pode tratar-se, ainda, dum indígena que tomou este nome romano por, fora da sua região, o uso do seu primitivo nome não lhe ser favorável. Podemos articular esta última hipótese com a presença na lápide funerária do desenho do cavalo, gravado no estilo dos das esteias vadinenses, o que daria para o nosso *Lupus* senão uma origem entre cántabros, ou astures, pelo menos a denúncia da sua ligação com comunidades de cántabros no sul, portadores de tradições comuns aos Vadinienses ⁽⁸⁰⁾. O elo de ligação é decididamente o cavalo; características epigráficas 'comuns*' como a divisão das sílabas numa mesma palavra por pontos de separação, não são suficientemente decisivas para estabelecer uma ligação justificada com Vadinia; o mesmo sucede com as particularidades paleográficas dos caracteres.

⁽⁷⁹⁾ *Lupia, ancilla* (CIL, II, 2793) pode indicar uma escrava doméstica, numa correspondência total de *ancilla* = *serva* (TACIT. *German.* 20) a quem a sua senhora, ao mandar abiiir a inscrição funerária, quis deixar bem patente a relação jurídica que existia entre ambas.

⁽⁸⁰⁾ Além das estelas cántabras, a 'heroização equestre', como tema, tem tomado como documentação probatória, as figurações das esteias de Ciudadela (La Coruña), Sá (Guimarães) e Cárquere (Resende), já referidas por J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Beligões...*, p. 446-455, em que o cavalo é representado geralmente em baixo relevo e/ou montado, e também um relevo do Museo de Córdoba que representa um cavalo a galope, datado por J. M.^a BLÁZQUEZ do séc. I d.C. BLÁZQUEZ, ao estudar este assunto, agiupou-lhes, arbitrariamente, uma das esteias do Museu de Bragança, já ref. nas *Beligões*, p. 441-442 (como representação zoomórfica mas não especificamente de equídeo) — ver FRANCISCO MANUEL ALVES, reitor de Baçal, *Guia epigráfico do Museu do Abade de Baçal*, Bragança s/d (1932/1933?); efectivamente não há nas esteias bragançanas representações claras e inequívocas de cavalos.

Na Hispânia, movimentos populacionais, entre o norte e o sul, não nos são desconhecidos e podemos muitas vezes suspeitá-los mesmo quando os migrantes não 'se sentiram na obrigação' de referir na epigrafia a sua origem geográfica ou etnogénica. Assim, por exemplo, os vestígios em Riotinto ⁽⁸¹⁾ dum culto do norte, seja o caso do de *Vestius Aloniecus* (Galiza) ⁽⁸²⁾, são um indicador tão válido como a presença duma Novaugustana ⁽⁸³⁾.

A possibilidade dos deslocamentos, para sul, de elementos dum grupo etno-sócio-económico, do tipo dos Vadinienses que viviam em pequenas comunidades, em movimento, num vasto território que se estende, genericamente, entre o vale superior do rio Esla e os vales do Ponga e do Sella, deve relacionar-se com uma actividade para a qual os elementos desse grupo eram particularmente aptos, o que faria deles mão-de-obra escolhida, ou mesmo preferencial, que noutra região (mesmo com características geográficas bem diferenciadas) motivaria a sua fácil aceitação. Das ocupações de valor económico possíveis de serem exercidas pelos Vadinienses, isto é, a pastorícia itinerante, a agricultura de subsistência e a mineração, só esta última podia, dadas as suas características técnicas, ser aplicável quer nas jazidas dos rios e altas serras do território vadiniense, quer nas jazidas situadas nas penepalanícies do Convento Pacense que primordialmente seriam consideradas para uma agricultura extensiva própria da estrutura fundiária dos *latifundia* e que as *villae* da região de Beja testemunham; esta orografia do sul contrasta muito vivamente com a do território dos Vadinienses, onde a propriedade consequentemente seria de tipo comunitário (ou, se privado, de reduzida extensão), onde se praticaria uma agricultura de subsistência e uma agricultura subsidiária duma mais ou menos intensa pastorícia. Não conheço nenhum exemplo expresso de emigração dum Vadi-

⁽⁸¹⁾ A. BLANCO FREIJEIRO, *Antigüedades...*, p. 40-41. Blanco dá a cron. do culto no séc. m d.G.

⁽⁸²⁾ J. M.^a BLÁZQUEZ, *Beligiones...*, p. 99-104. Ver também ROBERT ETIENNE, *Les syncrétismes religieux dans la Péninsule Ibérique à l'époque impériale*, in «Les syncrétismes dans la religion grecque et romaine» Paris 1973, p. 155.

⁽⁸³⁾ A. BLANCO FREIJEIRO, *Antigüedades...*, p. 43. Sobre *Nova Augusta* cf. *CIL*, II, *Supp.* p. 927 (no Convento Cluniense).

niense mas não seria de estranhar que tenham acompanhado os Orgenomescos, que se situavam a norte e oriente do seu território e com os quais se interpenetravam na região de Cangas de Onis; migrações de Orgenomescos para o sul, conhecêmo-las nas minas de El Centinillo, na Bética ^(M). Nas minas do norte de Portugal foram encontradas inscrições que referem Clunienses ⁽⁸⁵⁾; no sul, junto a Panóias, Ourique, perto da faixa piritosa do Baixo Alentejo e Andaluzia onde se situam as minas de Aljustrel, encontrou-se uma inscrição que refere *C. Iulius Bouti f. Letondo* ⁽⁸⁶⁾, este cognome *Letondo* relaciona-se com o 'gentilício* *Segossoquum* ⁽⁹⁷⁾ atestado em Sigüenza, no Convento Cluniense; outro antropónimo indígena, *Anceitus* foi também encontrado na região de Ourique ⁽⁸⁸⁾; na região de Beja, conhecemos entre outros o antropónimo indígena *Albius/Albicus/Albura* ⁽⁸⁹⁾; em Vila Viçosa, o antropónimo *Amminus (Amma)* pertence à família onomástica do 'gentilício* *Aminicum* (em Uxama) ⁽⁹⁰⁾; os antropónimos indígenas desta zona das *metalla* do sul são de facto comuns aos do

⁽⁸⁴⁾ ÁLVARO D'ORS y RAFAEL CONTRERAS DE LA PAZ, *Orgenomescos en las minas romanas de la Sierra Morena*, «Archivo Español de Arqueología», XXXII, Madrid 1959, p. 167-168; GEORGES FABRE, *Le tissu urbain dans le nord-ouest de la Péninsule Ibérique*, «Latomus», XXIX, Bruxelles 1970, p. 314-339, part. p. 330, propõe outra leitura para a inscrição.

⁽⁸⁵⁾ Cf. o. g.y D. FERNANDO DE ALMEIDA, *Mineração romana em Portugal*, in *La Minería Hispana e Iberoamericana*, I, Léon, 1970, p. 195-220, part. 211, D. FERNANDO DE ALMEIDA, *Minas de ouro na «Gallaecia» portuguesa*, in *Legio VII Gemina*, Léon 1970, p. 287-301, part. 294 e CARMEN GARCÍA MERINO, *Leus tierras del NO. de la Península Ibérica, foco de atracción para los emigrantes de la Meseta en época romana*, «Hispania Antiqua», III, Vitoria 1973, p. 9-28, part. v, map. p. 26.

⁽⁸⁶⁾ JOSÉ LEITE DE VASCONCELLOS, *Inscrição romana de Panóias*, «O Archeologo Português», XIII, Lisboa 1908, p. 283-284 e cf. MARIA LOURDES ALBERTOS, *Lenguas primitivas de la Península Ibérica*, «Boletín 'Sancho el Sábio'», XVII, Vitória 1973, map. 12.

⁽⁸⁷⁾ *CIL*, II, *Suppl.*, 5790. E. HÜBNER diz que *Segossoq(um)* é um nome de gentilidade.

⁽⁸⁸⁾ LUÍS COELHO, *Fragmento de uma inscrição romana da herdade do Monte Velho — Ourique*, «O Archeólogo Português», III série, VI, Lisboa 1972, p. 267-274.

⁽⁸⁹⁾ Cf. JÜRGEN UNTERMANN, *Elementos de un atlas antroponimico de la Hispania antigua*, BPH VII, Madrid 1965, p. 49-50.

⁽⁹⁰⁾ Cf. J. UNTERMANN, *Elementos...*, p. 53-54.

norte, da Galécia, das Austúrias e da Cantábria, pelo menos quanto às 'formas de origem*'; olhando para o mapa de distribuição do antropónimo *Boutius* ⁽⁹¹⁾ (que aparece também entre Vadinienses, C7L, II, *Supp.*, 5732, 5717 e 5718 e Orgenomescos, C7L, II, *Supp.*, 5729), nota-se que geograficamente se estende de norte a sul, junto à 'via da prata* e se difunde para ocidente entre o vale do Tejo e o Douro tendo a sua maior concentração na Lusitânia oriental; este 'itinerário* é também, total ou parcialmente, coberto pelos dos antropónimos antes referidos; não se pode concluir destes exemplos que tenha havido um surto migratório, numa *dada época*, que levou gentes do norte a acorrerem às minas do sul, mas pode-se pensar que a actividade mineira atraiu *por largo tempo* ao sul populações do norte, minimamente 'familiarizadas* com técnicas de mineração e metalurgia, as quais uma vez emigradas acabaram por se fixar nas novas regiões.

Temos que ter, no entanto, em conta que a maioria da população das minas não colocou inscrições funerárias junto às sepulturas, o que reduz a possibilidade de avaliar quem eram os 'mineiros*, se tivéssemos que os *conhecer* apenas pela evidência epigráfica tumular. A necrópole de Valdoca (Aljustrel) ⁽⁹²⁾ é o exemplo claro dum cemitério duma população que usufruindo largamente da cultura material romana e falando, inclusivamente, o latim, não se sente na necessidade de redigir epitáfios, mas por isto não a podemos 'acusar* de insuficientemente romanizada. Trata-se duma necrópole com 496 sepulturas, de que 18 foram destruídas por escavadores clandestinos, das restantes, 155 apresentam espólio. Proveniente desta necrópole temos uma única inscrição funerária que cerca de 1908 foi mandada para o Museu Etnológico de Belém ⁽⁹³⁾.

⁽⁹¹⁾ Cf. J. UNTERMANN, *Elementos...*, p. 72-73.

⁽⁹²⁾ Sobre a necrópole de Valdoca ver principalmente, OCTÁVIO DA VEIGA FERREIRA e RUY FREIRE DE ANDRADE, *A necrópole de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», V, Coimbra, p. 1-6 e JORGE DE ALARCÃO e ADÍLIA MOUTINHO DE ALARCÃO, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, «Conimbriga», V, Coimbra, 1966, p. 7-104.

⁽⁹³⁾ SCARLAT LAMRRINO, *Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcellos*, «O Arqueólogo Português», III série, I, Lisboa 1967, p. 131, *D(is) M(anibus) s(acrum) / Modestianus / an(norum) p(lus) m(inus) X / h(ic) s(itus) e(st) s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) / P Aelius Modes/tus filio pien / tissimo*.

Ora a análise do espólio das referidas 155 sepulturas pode ajudar a esclarecer quem *eram* os mineiros em Aljustrel. Na sepultura 206 encontrou-se uma malga que interiormente tinha esgrafitada, junto ao bordo, a palavra *P ALENTI A*, o que aponta para uma relação geográfica a estabelecer ⁽⁹⁴⁾; na sepultura 213 encontrou-se um pote de cerâmica cinzenta de superfície exterior brunida que aí tinha esgrafitada a palavra *TANCIS* ⁽⁹⁵⁾. Também num potinho, proveniente de Aljustrel, hoje no Museu Nacional de Arqueologia ⁽⁹⁶⁾, pode ler-se, esgrafitado na parede exterior, o nome *Tancinus Copo* ⁽⁹⁷⁾.

⁽⁹⁴⁾ A datação desta sepultura é feita pela articulação dos espectros cronológicos de dois objectos (J. DE ALARCÃO e A. MOUTINHO DE ALARCÃO, *op. cit.*, p. 60-61). um unguentário de vidro (tip. 82 de ISINGS) com uma datação possível entre a 2.^a metade do séc. i d. G. e os inícios do séjc. iv d. G. e um jarro de *terra sigillata* hispânica do tipo dos da oficina de Bronchales, na actual província de Teruel, que foram produzidos desde o último quartel do séc. i d. C. até ao fim do séc. n d. C. Se podemos supor que o jan o 'de* Bronchales chegou às minas através duma rede comercial que distribui a estes produtos de *terra sigillata* hispânica, o mesmo não sucede com a tosca malga, que ou foi trazida de longe pelo seu possuidor ou é um produto local, onde gravaram, antes de cozedura, na parede interior, o nome da cidade de *P alentia* (= *Pallantia*), prática que embora não desconhecida também não parece ter sido muito com ente; a má qualidade desta malga contrasta com o unguentário de vidro e a peça de *terra sigillata* mas não com um outro jarro de cerâmica comum que apresenta, segundo os AA., um lambda, esgrafitado no bojo, antes da cozedura. Convém notar as formas do L e do E do grafito de *P alentia* que são idênticos aos da inscrição B-143. Gomo se trata dum grafito feito antes da cozedura a forma das letras nunca poderá ser explicada por dificuldades de gravação, antes corresponde a formas cursivas correntes na região onde foi feito o vaso; sobre estas formas do L, do E, e também do A não barreado, recorde-se que ocorrem nas marcas estampadas de *terra sigillata* hispânica, cf. MARIA ÁNGELES MEZQUIRIZ, *Terra Sigillata Hispanica*, I, Valencia 1961, p. 45.

⁽⁹⁵⁾ J. DE ALARCÃO e A. MOUTINHO DE ALARCÃO, *O espólio...*, p. 62. *Tancis* é da 'família' de *Tancinus*.

⁽⁹⁶⁾ Creio que se trata duma peça inédita. Foi-me mostrado pelo Piof. D. Fernando de Almeida.

⁽⁹⁷⁾ I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, p. 321, diz que *Copo* é a forma mais vulgarizada do cognome *Caupo* que se formou a partir da actividade profissional de estalajadeiro; I. KAJANTO refere cinco exemplos em África; creio que na Hispânia é o único que apareceu até hoje.

A forma *Palentia* por *Pallantia* deve ser explicada. A. Carnoy não encontrou para esta alteração uma justificação aceitável dentro das regras naturais das transformações fonéticas que ocorrem dentro do latim, mas mesmo assim não deixou de acentuar a semelhança entre o nome actual e esta forma corrompida, propondo para a forma actual uma grande antiguidade ⁽⁹⁸⁾. A. Carnoy trabalhou, neste caso, com a inscrição C7L, II, *Supp.*, 6115, de Tarraco, que refere uma *Lie. Flaccilla Palentina*), e em que E. Hübner considerou pela boa qualidade das letras tratar-se duma inscrição do séc. n d. C. e notando ainda a forte possibilidade da forma *Palentia* ter aparecido então. J. Vives, reconhecendo na inscrição elementos tardios, atribuiu-lhe hipoteticamente uma natureza cristã e categoricamente uma cronologia entre os séculos ui e iv d. C. ("). Pela fotografia da inscrição não se pode ver nenhum sinal evidente de cristianização, a fórmula *in memoriam* não é exclusiva dos textos epigráficos cristãos, e o suporte da inscrição é precisamente, como E. Hübner sabia, uma base talvez de estátua, portanto a natureza do texto seria uma homenagem, não um epitáfio *strictu sensu*, ainda que prestada a uma falecida. Para mais J. Vives 'leu* *Palant(ina)*\ Sem dúvida que as letras são esguias e que aconselham, por isso, uma cronologia um pouco mais subida que a de Hübner, pelo menos de fins do séc. n d. C. em diante. Por analogia morfológica da forma *Palentia* pode propor-se para a malga da sepultura 206 uma datação similar, o que não entra em conflito com a cronologia do restante espólio da sepultura. Sublinhe-se que *Pallantia* (= *Palentia*) se situa na faixa ocidental do convento Gluniense, 'tocando* o seu território a região dos Vadi-nienses, e sendo um dos principais centros urbanos que mais próximo lhes ficam.

A distribuição geográfica do elemento onomástico *Tancinus* evidencia uma mais forte concentração na Lusitânia oriental ⁽¹⁰⁰⁾. *Tancinus* interliga-se com outros elementos onomásticos já referidos, como *Boutius*, e que são comuns entre os povos do norte da Península Ibérica. Note-se o caso da Egitânia onde *Tancinus*

⁽⁹⁸⁾ A. CARNOY, *Le Latin...*, p. 17-18.

^(") J. VIVES, *Inscripciones cristianas...*, p. 12.

⁽¹⁰⁰⁾ J. UNTERMANN, *Elementos...*, p. 170-171.

é largamente representado, associado a *Caenis*, *Tritius*, *Boutius*⁽¹⁰¹⁾, além destes, aparecem também na Egitânia outros nomes indígenas comuns entre os povos do norte, como *Turanus* (e seus variantes), que aparece inclusive entre Vadinienses⁽¹⁰²⁾.

Não se pretende com esta relação onomástica estabelecer uma ligação directa entre os *Tancini* das minas de Aljustrel e os Vadinienses, com o fim de forçar a imagem dum fluxo migratório destes para o sul, mas sobretudo pretende-se caracterizar a Lusitânia oriental como um centro de 'incubação*' de indivíduos portadores de antropónimos tipicamente lusitânicos com indivíduos portadores de antropónimos usuais nas regiões do norte da Hispânia, o que desenhará uma 'estrada*' norte-sul que seria percorrida pelos elementos onomásticos indígenas, numa só fase ou por etapas, e cujo veio principal seria a 'via da prata*. Isto explicaria a existência de nomes indígenas ao lado de nomes romanos nesta região tão romanizada da Lusitânia oriental, como já se referiu quando se tratou da distribuição geográfica do cognome *Lupus* ⁽¹⁰³⁾. Na Lusitânia do sul, a influência da Bética estaria demasiado presente, para que não deixasse de ser socialmente notada a frequência do uso de formas onomásticas indígenas, o que não quer dizer que, por isso, elas fossem de todo inexistentes; mas certamente muitos elementos dessa população, em função do seu 'novo*' enquadra-

⁽¹⁰¹⁾ D. F. DE ALMEIDA, *Egitânia...*, p. 204 e 271; J. UNTERMANN, *Elementos...*, p. 79-80, *Caenius* tem uma distribuição geográfica dominante num eixo norte-sul; J. UNTERMANN, *Elementos...*, p. 175-176, *Tritius* tem igualmente uma distribuição geográfica predominantemente norte-sul; este elemento onomástico é *puramente* céltico; a estela vadiniense de *Elanio* que acima se referiu (nota 14) menciona um *Tridallus*.

⁽¹⁰²⁾ J. UNTERMANN, *Elementos...*, p. 177-178.

⁽¹⁰³⁾ p_a grande família onomástica de *Lupus* não foram considerados na análise as formas diminutivas de derivados como *Lupinula* e *Lupercilla*, as formas de formação agnómica e origem híbrida ibero-latina como os casos peninsulares hispânicos de *Lupatus*, *Lupatius*, as formas indígenas *Lobesus*, *Lobesa*, *Lobessa*, *Lovessa*, *Lovessus*, *Lovesius* e *Lovessius* por o seu pai entesco, a existir, ser demasiado remoto e a forma *Lubianus* (*Lupianus*), por evidenciar uma contaminação com as anteriores formas indígenas na sonorização, tornando-se equivocadamente uma forma regressiva (?). Também não se consideraram as marcas de oficina de terra sigillata hispânica, *OFLVPI*, e, evidentemente, *CIL*, II, 4969, 32.

mento etno-social, por necessidade ou por gosto, acabaram por «mascarar» o seu nome indígena com um nome romano. Assim, com boas probabilidades, seria esse o caso do *Lupus* da inscrição B-143 do Museu de Beja.

Todavia, a presença do desenho do cavalo, em perfeito estilo vadinense, faria deste *Lupus* como que um «gato-escondido-com-o-rabo-de-fora», mas também não podemos, por forma alguma, esquecer a forte relação existente entre o fenómeno da 'heroização*/Deus Equestre, do mundo religioso céltico (e celtibérico), e os cultos romanos de Marte, de Júpiter e de *Dis Pater* ⁽¹⁰⁴⁾; bem no sul, na Bética, perto de Sevilla, pelo menos desde a época de Vespasiano que se cultuou *Dis Pater* ⁽¹⁰⁵⁾, que como se sabe se consagrava na forma dum cavalo.

Qualquer sociedade é, apesar da dinâmica de todas as suas contradições internas, um sistema coerente. A inscrição B-143 do Museu Regional de Beja, pela secura das suas informações textuais e pela presença do desenho do cavalo, foi sempre encarada como um elemento *insólito* nesta região. Encontrar uma hipótese de explicação deste achado e integrá-lo na coerência histórica da romanidade do sul da Lusitânia foi o objectivo destas notas ⁽¹⁰⁶⁾.

MARIA MANUELA ALVES DIAS

⁽¹⁰⁴⁾ CL, v. #., FERNAND BENOIT, *Mars et Mercure. Nouvelles recherches sur l'interprétation gauloise des divinités romaines*, Aix-en-Provence, 1959, p. 8.

⁽¹⁰⁵⁾ FRANCISCO COLLANTES DE TERÁN y CONCEPCIÓN FERNÁNDEZ CHICARRO, *Epigrafía de Munigua (Muha, Sevilla)*, «Archivo Español de Arqueología», 45-47, Madrid 1972-1974, p. 348-351.

⁽¹⁰⁶⁾ Este texto é a forma 'condensada' dum estudo sobre a inscrição B-143 do Mus. Reg. de Beja, preparado e em parte redigido em 1974, durante o meu estágio no Centre Pierre Paris da Univ. de Bordeaux-III. A bibliografia tem cinco anos de atraso; apenas fiz, na nota 4 a correspondência bibliográfica dos textos de .I. M.^a BLÁZQUEZ.

